

A INFLUÊNCIA DO TRABALHO NO AMBIENTE DOMÉSTICO: ESTUDO REALIZADO COM FAMÍLIAS EM UMA CIDADE DO INTERIOR PAULISTA

Amanda Mendes Silva¹

Daniela de Figueiredo Ribeiro²

Centro Universitário de Franca Uni-FACEF

1. INTRODUÇÃO

Fazendo um breve levantamento histórico sobre as imagens representativas das famílias ao longo dos séculos, Ariès (1981), relata que foi no século XVI, que a iconografia começou a dar espaço à família. E a presença da mulher e da família passou a estar inserida no contexto do trabalho cotidiano do homem. Posteriormente, surgiu a rua nessas representações, e ela passou a ser o prolongamento da vida privada, pois era na rua que os artistas retratavam as relações sociais e também o cenário do trabalho. “Os artistas em suas tentativas relativamente tardias de representação da vida privada começariam por mostrá-la na rua, antes de segui-la até dentro de casa. Talvez essa vida privada se passasse tanto ou mais na rua do que em casa” (p. 198).

Em se tratando de Brasil, o sentido da família começou a surgir no século XVIII, ou seja, quando os vínculos familiares começaram a ser socialmente reconhecidos e a educação dos filhos passou a ser responsabilidade da família.

Corrêa (1982) relata que a família patriarcal é a imagem mais representativa no Brasil, sendo um tipo fixo onde os integrantes apenas são substituídos no decorrer das gerações, nada colocando em perigo a sua hegemonia. Ao contexto da história brasileira, este modelo de família sempre foi visto como uma instituição que impôs normas e valores morais, desde o Brasil Colônia (SAMARA, 2002).

Para José Filho (1998), a família possui um papel fundamental no desenvolvimento da socialização e da afetividade. Portanto, ela não é somente uma rede de relações, mas também é uma união de papéis que devem ser trabalhados dentro da convivência social dos indivíduos.

Embora todo esse modelo do patriarcado seja instituído, muitas famílias apresentam subversão e resistência às normatizações cobradas pela instituição familiar, ocorrendo papéis familiares vividos de forma plural, heterogênea, criativa e subversiva, como por exemplo, quando as mulheres auxiliam no sustento econômico da família, mesmo tendo seu trabalho desvalorizado, e os homens podem ser fonte de apoio, mesmo não sendo os principais cuidadores dos filhos (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Devido a alguns fatores como a entrada da mulher no mercado de trabalho, sendo também geradora de renda, houve uma redefinição nos vínculos estabelecidos, influenciando as relações entre marido e mulher e, principalmente, entre pais e filhos e levando a modificação da estrutura familiar tradicional, sendo este um processo universal à sociedade urbana ocidental (CARVALHO; ALMEIDA, 2003).

Perucchi & Beirão (2007) também apontam que a realidade das mulheres que são provedoras do sustento familiar tem crescido a cada dia no Brasil e têm caracterizado arranjos familiares que vão contra aos preceitos da família patriarcal e tradicional, no qual o homem é chefe da família. Tem aumentado o número de famílias chefiadas por mulheres e outros tipos de configurações familiares no ocidente, portanto,

¹ Graduanda do 10º semestre do curso de Psicologia no Centro Universitário de Franca Uni-FACEF e bolsista PIBIC-CNPq. Contato: amanda_devir@hotmail.com

² Docente do curso de Psicologia no Centro Universitário de Franca Uni-FACEF. Contato: ribares@netsite.com

as relações familiares e de parentalidade tem sido bastante discutidas e compreendidas como construções sociais, a partir de vínculos genéticos ou apenas de convívio.

Além disto, pode-se observar que a participação masculina tem crescido no cotidiano familiar e a ausência e rigidez, características básicas da família tradicional, vem sofrendo mudanças porque a presença e a participação paterna têm sido exigidas pelas mulheres, ou seja, a máxima popular de que “homem em casa só atrapalha” está passando por inversões, no qual, o homem dentro de casa passa a ser de grande importância (BILAC; OLIVEIRA; MUZSKÀT, 2000).

Em relação as famílias de camadas populares Mello (2000) relata que em sua pesquisa constatou-se que é a família quem concentra e dá ordens a um modo específico de sociabilidade, além de ter sido observada também a relação de troca de serviços e amizade entre os vizinhos, nos quais apareceram ocasiões em que toda a vizinhança buscava formas de auxiliar nas dificuldades das outras famílias, prevalecendo a ajuda mútua.

Ao fazer uma contextualização da cidade em estudo, que se caracteriza como um pólo industrial calçadista observa-se que no final da década de 60 a produção de calçados voltou-se para o mercado externo alterando a rotina dos trabalhadores de fábricas. Nesta realidade havia o predomínio da família enquanto trabalhadora coletiva e como unidade produtiva.

Na década de 70, houve a ampliação do número de unidades produtivas e uma grande oferta de empregos. A partir daí, o espaço físico dentro das fábricas ficou limitado, e parte da produção passou a ser realizada em domicílio, como o pesponto e a costura manual. Esta prática de trabalho em casa passa a ser novamente estimulada e muito utilizada (MENDES, 2005).

Com o advento da globalização, houve uma recente terceirização na indústria calçadista, que levou ao aumento do setor informal e do trabalho nas residências dos trabalhadores, dando início às chamadas *bancas de pesponto*³

A indústria do calçado ainda não dispõe de técnicas aprimoradas e até hoje se depara com métodos rústicos de se trabalhar, como o trabalho manual e artesanal, o que facilita a expansão da mão-de-obra não especializada e do trabalho informal. Este fato gera perplexidade, uma vez que, em tempos onde a tecnologia prevalece, a manufatura, ainda é de grande valia neste setor produtivo-econômico (BARBOSA; MENDES; BRAGA FILHO, 2005).

Portanto, na realidade local, uma vez que o espaço doméstico está se transformando em unidade produtiva, isso acaba por influenciar toda a produção de calçados da cidade, além de influenciar também aspectos como o cotidiano e a maneira de pensar a realidade nas relações familiares. “Em muitos casos, não se pode distinguir onde começa a oficina ou termina a casa” (BARBOSA; MENDES, 2003, p. 65).

Giacomel et al. (2003) discorrem sobre o trabalho tornado vida e explicam que, de acordo com a teoria foucaultiana, atualmente, há duas tecnologias de poder concomitantes e sobrepostas que são: a disciplinar e a de regulação. A tecnologia disciplinar é caracterizada pela tecnologia que permite que o indivíduo seja manipulado e docilizado através de um setor espacial e outro temporal. No setor espacial o indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro e o setor temporal consiste na

³ Segundo Navarro (2003), a banca de pespontos é uma oficina de trabalho que presta serviços à indústria de calçados local, realizando serviços de corte do couro, pespontos, costura e enfeites. Elas compõem o cenário do trabalho informal realizado por pessoas que, antigamente, trabalhavam em fábricas de calçados e que atualmente, continuam exercendo sua profissão, mas em um outro espaço: o espaço doméstico. É uma realidade onde dificilmente separa-se o trabalho do cotidiano familiar.

produção de automatismo dos corpos. Essa sociedade disciplinar é caracterizada pelo tempo do indivíduo que passa a ser tempo de trabalho em troca de um salário, e seu corpo é transformado em força útil, dócil, produtivo e submisso sendo qualificado apenas para se tornar um corpo capaz de trabalhar. O tempo de trabalho e a força de trabalho são características dessa sociedade.

A tecnologia da regulação não exclui a disciplinar, mas elas se integram. Enquanto a disciplinar se dirige ao corpo, a da regulação se dirige à vida dos homens e recebe o nome de biopoder da espécie humana, que consiste em uma mudança na forma pela qual o poder delinea o espaço no contemporâneo. O poder passa a incidir sobre o viver. A questão não é mais o corpo que é posto a trabalhar, mas sim, a alma. O trabalho é construído a partir da vida posta em produção. A vida afetiva torna-se uma das ferramentas de trabalho que está inserida no corpo e o controle capitalista fica mais intenso nessa potência de agir das pessoas. De acordo com esses pontos, pode-se perceber que a vida está à disposição da produção, não há necessidade de estar em uma empresa, pois esse processo produtivo passou dos limites físicos da fábrica e invadiu as casas, o lazer e as relações familiares. “O trabalhador contemporâneo encontra-se em situação de tal dedicação às atividades profissionais. Sua vida tornou-se seu trabalho” (GIACOMEL et al., 2003, p.141).

A partir disto, observa-se que as bancas de pesponto apresentam uma nova realidade para a família, uma vez que o trabalho é realizado praticamente dentro de casa, e em muitos casos não existe horário de trabalho, fator este que pode contribuir para uma variação e aumento nos horários de expediente. Ao serem levados em consideração tais fatores, seria relevante refletir sobre as conseqüências desta relação entre a dinâmica familiar e o trabalho realizado em domicílio. Portanto, o objetivo deste estudo foi investigar as concepções sobre família e caracterizar as vivências relativas ao trabalho nas residências onde acontece simultaneamente parte da produção fabril.

2. METODOLOGIA

A metodologia do estudo está baseada na abordagem qualitativa, favorecendo uma compreensão do fenômeno em sua complexidade e nas suas singularidades. De acordo com Biasoli - Alves (1998), o sistema qualitativo é marcado pela tentativa de compreender certos significados nas ações e comportamentos dos sujeitos participantes do estudo, que estão inseridos num determinado contexto, sem que isso seja representado numericamente.

Em um primeiro momento, o estudo teve como base a etnografia a fim de conhecer o bairro e a população em estudo. Para tal, utilizou-se da observação participante, diários de campo e coleta da história de vida de alguns participantes da pesquisa, com a utilização de gravador e transcrição literal na íntegra. E em um segundo momento, o estudo teve como foco a realização de entrevistas individuais e semi-estruturadas com todos os participantes. Tais entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra.

Na primeira fase da pesquisa foram observadas dez residências, sendo que em três delas, os moradores possuíam bancas de pesponto, enquanto nas outras sete residências, os moradores trabalhavam manualmente com o calçado no próprio ambiente doméstico, sendo este serviço, terceirizado pelas bancas de pesponto. Na segunda fase foram realizadas dezenove entrevistas individuais e semi-estruturadas com membros de seis famílias. Em cada uma delas, foram entrevistados o pai, a mãe e o filho e/ ou enteado mais velho. O critério utilizado para a inclusão de participantes no estudo foi de serem apenas famílias que possuíssem banca de pespontos como principal

atividade geradora de renda. Vale ressaltar que os participantes, antes que aceitassem fazer parte da pesquisa, foram esclarecidos acerca dos objetivos e procedimentos da mesma, assinando posteriormente o termo de consentimento livre e esclarecido.

As três primeiras famílias entrevistadas são todas moradoras do bairro em estudo, porém as três últimas famílias entrevistadas, caracterizadas por fugirem da configuração tradicional, moram em outros bairros que possuem características bastante semelhantes ao bairro estudado.

A análise dos dados foi realizada a partir da abordagem hermenêutica-dialética, cujo objeto de análise é a práxis social e o sentido quem busca é a afirmação ético-política do pensamento. O pesquisador desta área hermenêutica precisa esclarecer seu contexto daquele que será pesquisado e saber que o resultado provém dessa intersubjetividade entre a realidade pesquisada e a do pesquisador (MINAYO, 1996).

Segundo Minayo (1996), na hermenêutica-dialética o ator social é visto como competente na comunicação independentemente de sua linguagem; o pesquisador portanto, busca compreender as razões que o entrevistado têm para elaborar sua fala e precisa posicionar-se diante dela e o resultado reflete a originalidade daquela específica realidade entre sujeito e pesquisador.

Para a análise dos dados, estes foram agrupados para a elaboração de um mapa horizontal dos achados em campo: transcrição de fitas, releitura do material, organização do relatório e dos dados de observação. A classificação destes dados foi realizada a partir de repetidas leituras dos textos, permitindo assim, uma melhor compreensão das idéias centrais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observa-se que o bairro estudado, por ser de classe popular, as crianças e jovens, em sua grande maioria, estão sempre na rua se relacionando, brincando e, esse fato, acaba se estendendo aos adultos. Estes, no período da noite, como um momento de lazer conversam com os vizinhos e observam os filhos brincarem. Tais cenas do cotidiano não são vistas em bairros mais nobres, nos quais, os vizinhos não mantêm essa relação, e estão mais isolados em sua vida privada, como dizem Henriques, Feres – Carneiro e Magalhães (2006), afirmando que a família, ao longo da história colocou-se no formato de uma ilha: *fam – ilha*, estando imersa em um processo de isolamento em relação a sua comunidade.

A rua, no bairro em questão, assemelha-se muito àquela retratada no livro de Ariès (1981), ao relatar que a rua, na Idade Média era um meio de fortes relações sociais. Há a representação da rua através da figura da mulher conversando com a vizinha que está na janela de sua casa, e as crianças brincando. Observa-se a representação de um meio público que era a ampliação da vida privada, promovendo uma fusão do espaço público e privado.

Uma outra característica apresentada é o fato de os vizinhos auxiliarem uns aos outros, pois foi observado que, em algumas casas, enquanto a mulher executa o trabalho da costura do sapato, a vizinha oferece ajuda nos serviços domésticos, ou no cuidado das crianças, além de também ter sido visto que entre alguns vizinhos, uns vão às reuniões de pais de alunos na escola para os outros pais que não podem comparecer. Todas essas características comprovam que a vida privada mescla-se com a vida pública, principalmente quando o foco está nas relações de vizinhança, onde também foi observado que, em uma das casas do bairro, o morador passou para um de seus vizinhos um pouco do serviço da costura de sapatos.

Esse episódio vai ao encontro das pesquisas de Mello (2000), nas quais foram observadas relações de troca de serviços e amizades entre os vizinhos. “Há situações em que toda a vizinhança busca meios de amenizar as crises de outras famílias. O foco em que consiste essa ajuda recíproca é a família” (p. 54).

É válido pensar que a rua, enquanto local de produção de subjetividade, e espaço de vivência, pode ser um ambiente bastante importante para os membros de uma família, sendo que esta, enquanto instituição é local de *modelização de corpos*, o que impossibilita ou dificulta esse espaço para produção e criação de subjetividade.

O primeiro aspecto observado nas famílias entrevistadas que trabalham em suas residências, é que estas carregam uma herança cultural proveniente da cidade em que moram, uma vez que relataram que nunca tiveram outro ofício e não sabem fazer outra coisa, a não ser trabalhar com o sapato. De acordo com Mendes (2005), essa cultura existe porque a cidade em questão sempre teve tendência à atividade pecuária, contribuindo assim, para a importância da produção de artigos de couro, sendo que era abundante a criação de gado para matéria-prima aos sapateiros e às fábricas de curtume.

Completando esta característica, o fato dos entrevistados trabalharem em bancas de pesponto conjugadas às suas casas, também reflete o passado da cidade que na década de 30 com a transição do trabalho artesanal para o manufatureiro houve uma combinação do trabalho manual com a utilização de algum maquinário para tarefas que poderiam necessitar de maior força braçal. Nesta realidade, foram comuns as fabriquetas no fundo de casa, sendo estas responsáveis por grande parte da produção de calçados (MENDES, 2005).

Com relação as entrevistas individuais, os dados coletados evidenciaram que grande parte dos entrevistados caracterizou genericamente a família e o fizeram reproduzindo um discurso baseado em modelos tidos socialmente como ideais ao afirmarem que a família é a base da sociedade, é segurança, “*é uma coisa bonita*” (sic), é o mais importante e tudo na vida. Este aspecto reflete o discurso predominante da família patriarcal, caracterizado por um conceito único e cristalizado sobre família.

O fato de tais famílias reproduzirem esse discurso estereotipado evidencia um modelo positivista de família, que está relacionado com os relatos de José Filho (1998) de que a família possui um papel fundamental no desenvolvimento da socialização e da afetividade, contribuindo para que ela não seja apenas uma rede de relações, mas uma união de papéis que precisam ser trabalhados dentro da convivência social dos indivíduos.

Observou-se nas entrevistas das famílias de configuração tradicional a presença de um forte teor patriarcal em seu discurso, sendo que nos relatos de todos os entrevistados, o pai é sempre o chefe de família, o provedor e aquele que dita as regras. Ainda que ocorra uma maior flexibilidade de papéis nas famílias, hoje continua a prevalecer a figura masculina como a detentora de poder na família.

No entanto, foi observado nas seis famílias de modo geral, principalmente nas de configuração não tradicional, a forma como elas se organizam cotidianamente. Em todas elas homem e mulher trabalham juntos na banca de pespontos e tiram o sustento econômico não ficando somente a cargo da figura masculina o papel de provedor único ou principal da família, sendo esta tarefa dividida com as mulheres. Enquanto estas auxiliam no trabalho e contribuem no sustento econômico da casa, os homens e os filhos ajudam nos afazeres domésticos, dividindo as funções em casa. Além disso, nas famílias não tradicionais vão surgindo papéis familiares vividos de forma plural, heterogênea, criativa e subversiva, como quando a mulher auxilia no sustento financeiro da casa e o homem auxilia no serviço doméstico e no cuidado com os filhos (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Desta forma, percebemos que o homem, ao contrário do que afirma Bilac; Oliveira e Muzskàt (2000), a cada dia auxilia mais nos serviços domésticos, cumprindo tarefas internas e não somente externas como ser provedor e proteger a família do espaço público.

Em relação as influências do trabalho no ambiente doméstico, observou-se que o fato não se ter um horário fixo de trabalho traz aspectos positivos e negativos, pois não tendo um horário fixo, um dos entrevistados relatou, por exemplo que trabalha-se mais, pois quanto maior a produção, mais dinheiro a receber, e assim, *“perde-se muito tempo da vida para o trabalho”* (sic).

O lado positivo relatado pelos entrevistados é que o trabalho na banca de pespontos, além de prover um salário melhor que o da fábrica, permite maior flexibilidade para compor os tempos pessoais e de trabalho em uma rotina estabelecida pelos próprios sujeitos. Há facilidade de sair quando necessário, parar e voltar ao trabalho de acordo com o que julgar melhor. Desta forma, um dos entrevistados relatou que na banca de pespontos não se *“fica engaiolado”* (sic) como na fábrica, e completou dizendo que *“é melhor o trabalho na banca porque é muito melhor ser patrão de si mesmo”* (sic). Tal relato demonstra que o entrevistado está vivendo o melhor da banca, que consiste no fato de ter liberdade em seus modos de vestir, nos jeitos de falar, na maior descontração no trabalho, características estas vistas nas observações participantes realizadas na fase exploratória do estudo.

Além disso, a maioria dos entrevistados, principalmente as mulheres, disseram preferir trabalhar em casa porque podem estar mais perto dos filhos e atentas às questões que envolvem seu domicílio, enquanto os homens relataram que além de se ter mais liberdade, o trabalho em casa reduz alguns tipos de gastos, como o transporte.

Um outro aspecto verificado é que de maneira geral o trabalho tem permeado intensamente a vida das pessoas entrevistadas e suas relações, uma vez que estas vivem em função do trabalho e pelo trabalho, como pode ser observado também no relato de uma mulher entrevistada:

“(...) não cumpro horário certo. Eu levanto cinco horas da manhã e vou até as cinco e quinze da tarde. O que tiver que trabalhar tem que trabalhar... sábado, domingo, num tem folga não.”

O homem de uma das famílias entrevistadas evidencia claramente o fato de viver em função do trabalho, ao justificar sua ausência enquanto pai pelo excesso de trabalho:

“(...) Assim, interfere um pouco assim, porque, pelo menos, comigo interfere um pouco porque tem vez que eu passo mais tempo aqui (na banca), apesar de estar junto, mas deixo de assim, alguma hora. Até o José vem “pai, vamos passear, vamos caminhar né”. “não! Agora num posso, agora to trabaiaando né, tenho que acabar isso, né”. É uma responsabilidade que a gente acaba tendo, né trabaia por conta é isso, né, ocê tem que entregar o serviço, né, e ocê tem que fazer, justamente, pra manter, né, então atrapaia um pouco, com os filhos atrapaia um pouco também (...)”

Os aspectos apontados condizem também ao que Giacomel et al. (2003) afirmam, ao relatarem que na atual sociedade disciplinar e de regulação que vivemos, o tempo do homem tem passado a ser tempo de trabalho em troca de um salário, enquanto seu trabalho vai se construindo a partir da vida posta em produção, ou seja, a vida está a disposição do trabalho, assim sendo, a vida do trabalhador contemporâneo tornou-se seu trabalho.

Por fim, a grande maioria dos entrevistados disse que o trabalho no ambiente doméstico acaba por gerar muito desgaste e conflitos conjugais, uma vez que, em todas as famílias entrevistadas, marido e mulher trabalham juntos ou passaram por essa experiência. Além do casal ou da família estarem trabalhando juntos, convivem juntos em ambientes muito próximos. Foi apontado que, por mais que se tente, é impossível não levar os problemas da banca para casa ou vice-versa, como retrata a fala de um dos entrevistados:

“(...) trabalhar assim 24hs junto, as vezes é difícil porque num tem como você, igual os meninos falou, que separa os problemas. As vezes separa e as vezes não (...)as vezes quando você tá nervoso e foi alguma coisa que aconteceu lá cinco horas da tarde, aí você desliga a máquina e vem pra cá, aí vai (...) Num é desligou a máquina, já desligou o problema né, demora um pouquinho (...) sempre vai ter um probleminha ou outro que você vai vim pra casa, num tem jeito. Isso aí é natural”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o estudo foi observado que as concepções a respeito da instituição familiar pelos entrevistados ainda são carregadas de um discurso estereotipado que é imposto socialmente.

Constatou-se também, nesta amostra estudada, uma maior rigidez nos papéis atribuídos à mãe e ao pai nas famílias tradicionais do que naquelas de configuração não tradicional.

A respeito do trabalho na vida destas famílias, atenta-se para o fato de que este passou da disciplina das fábricas para o ambiente familiar, incidindo na subjetividade humana, uma vez que o processo produtivo foi invadindo as casas e as relações familiares. Devido a esta dinâmica, constata-se que o cotidiano desses trabalhadores da indústria do calçado tem facilitado que o trabalho envolva toda a vida fora dele. Esta realidade tem feito com que todos vivam somente o trabalho, prejudicando de certa forma as relações familiares.

Observou-se que, de modo geral, as famílias entrevistadas possuem muitas singularidades em suas concepções acerca de família e da influência do trabalho em suas relações. Além disso, por terem o trabalho no ambiente doméstico vivenciam diversas situações que implicam na necessidade de se criar novas formas de estar junto em família.

Destaca-se ainda que este foi um estudo prévio que indica novas demandas de pesquisa e aprofundamento a respeito do tema pois há uma diversidade que ainda precisa ser explorada a respeito dessas famílias que possuem o trabalho no ambiente doméstico e como este tem penetrado e influenciado a vida e as relações interpessoais do homem.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. 3. As imagens da família. **História Social da Criança e das Famílias**, 2. ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1981, p.195-224.

BARBOSA, A. S.; MENDES, A. M. Capital trabalho e formação da classe na indústria de calçados. **Políticas públicas e Sociedade**. Revista do Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade da Universidade Estadual do Ceará, v.1, n.5, Jan.- Jun./ 2003, p. 63- 71.

BARBOSA, A. S.; BRAGA FILHO, H.; MENDES, A. M. **A idéia de classe em tempo de reestruturação capitalista**: reflexões entre a teoria e a experiência, 2005.

BIASOLI - ALVES, Z. M. M. A pesquisa psicológica - análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: ROMANELLI, G; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (Orgs.) **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998, p. 135-157.

BILAC, E. D.; OLIVEIRA, M. C. F. A.; MUZSKÀT, M. **GT 05: Família e Sociedade**, In: O “homem de família”: conjugalidade e paternidade em camadas médias nos anos 90. XXIV Encontro Anual da ANPOCS, Petrópolis, 2000.

CARVALHO, M. C. B. (org.). A família contemporânea em debate. In: MELLO, S. L. **Família: perspectiva teórica e observação factual**, São Paulo: EDUC/ Cortez, 2000, p.51-60.

CARVALHO, I. M. M.; ALMEIDA, P. H. Família e proteção social. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 17, n. 2, 2003, p. 109-122. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392003000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 Out 2006.

CORRÊA, M. Repensando a família patriarcal brasileira. In: _____(org.). **Colcha de retalhos**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GIACOMEL, A. E.; GHISLENI, A. P.; AMAZARRAY, M. R.; ENGELMAN, S. Trabalho e contemporaneidade: o trabalho tornado vida. In: FONSECA, T. M. G.; KIRST, P. G. **Cartografias e Devires**: a construção do presente. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

HENRIQUES, C. R.; FÉRES-CARNEIRO, T; MAGALHÃES, A. S. Trabalho e família: o prolongamento da convivência familiar em questão. **Paidéia**, São Paulo, v. 16, n.35, p. 327-336, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n35/v16n35a04.pdf>. Acesso em : 07 mar. 2007.

JOSÉ FILHO, pe M. css. **A família como espaço privilegiado para a construção da cidadania**. Tese de Doutorado - Programa de Pós – Graduação em Serviço Social – UNESP, Franca, 1998.

MENDES, A. M. **Classe Trabalhadora e Justiça do Trabalho**: experiências e expressões do operário do calçado (Franca-SP, 1968-1988). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Campus de Araraquara, como requisito parcial à obtenção do título do Doutor em Sociologia, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento**: Pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo: Afiliada, 1996.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa **Psicologia Social**. Porto Alegre, v. 18, n. 1, 2006, p. 49-55.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 maio 2008.

PERUCCHI, J.; BEIRÃO, A. M. Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, 2007, p. 57-69. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 maio 2009.

SAMARA, E. M. O Que Mudou na Família Brasileira? da Colônia à Atualidade. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, 2002, p. 27-48. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 out. 2006.